

# A RELAÇÃO HOMOERÓTICA FEMININA NA LITERATURA BRASILEIRA

*Giceli Ribeiro dos Santos*<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Estadual de Feira de Santana \_\_ Departamento de Letras & Artes \_\_ Residência Universitária, Campus UEFS, Km 03, Br 116, Novo Horizonte \_\_ 44000-000, Feira de Santana, BA.  
E-Mail: celfenix@ig.com.br

**Resumo - Este** trabalho versa sobre a condição da mulher lésbica na literatura de autores brasileiros, desde os primórdios dessa arte em nossa terra, até a modernidade. Tomando como base de estudos obras de autores reconhecidos internacionalmente, a exemplo de Gregório de Matos e Lygia Fagundes Telles, temos o intuito de discutir os porquês de tal assunto não ser reconhecido como literário, ficando, quase sempre, relegado, à classificação de pornográfico, embora nas penas destes autores tenha sido abordado de forma brilhante, uma vez que estes conseguiram fugir ou pelo menos driblar as barreiras do preconceito e discutir uma tema que até então estava relegado ao silêncio e à ignorância.

**Palavras-chave:** homoerotismo, literatura, sexualidade feminina.

**Área do Conhecimento:** VIII Lingüística, Letras e Artes

## Introdução

O lesbianismo é um tema bastante antigo em nossas letras, entretanto, pelo fato de ainda ser tido como tabu em nossa sociedade, não estamos familiarizados com ele a ponto de adentrarmos no mundo misterioso que cerca este tipo de relacionamento. Esta falta de conhecimento a respeito do assunto é sentido não apenas por nós que vivemos no século XXI, mas foi percebida principalmente pelas pessoas que viveram há séculos atrás, não estando os escritores ilesos a essa falta de conhecimento a respeito do tema.

Essa nítida ignorância a respeito de tal assunto está refletida na maneira com que constroem suas personagens e no desfecho que dão às suas tramas, onde quase sempre a relação homossexual é vista como um desvio de conduta ou, quando menos, como uma espécie de “válvula de escape”.

Nesta pesquisa, procuramos analisar, entre outros aspectos, a influência exercida pelo contexto social no qual estavam inseridos os autores no momento da criação. Para tanto, intentamos não apenas discutir as personagens lésbicas nesses textos, mas analisar, ainda, a forma, muitas vezes preconceituosa com que foram abordados dentro das narrativas.

## Lesbianismo e literatura

A inserção de personagens lésbicas nas letras brasileiras vem desde o Quinhentismo advindo das terras portuguesas. Entretanto, ele surge como tema recorrente na literatura de autores brasileiros primeiramente com Gregório de Matos, o famoso Boca do Inferno, num poema intitulado Nise, nome fictício dado à uma lésbica pela qual o poeta havia se interessado, porém, que não correspondeu aos seus interesses.

Gregório, de uma forma ou de outra, iniciou um trabalho de desmistificação do ser lésbica que, até então, acreditava-se ser uma forma de fugir ao triste destino de solidão, uma vez que as pessoas acreditavam (e muitas ainda acreditam!) que o homossexualismo masculino ou feminino é consequência da falta de atrativos físicos atribuídas pelo sexo oposto.

Entretanto, ao descrever sua personagem, Gregório, também admirado, fala das belezas físicas e da feminilidade de Nise, lançando sobre terra a idéia de que a lésbica tem, necessariamente, que ser feia e masculinizada.

A partir da obra de Gregório de Matos, muitos foram os autores a explorar o lesbianismo como tema literário. É válido observarmos que esta exploração se deu, na maioria das vezes, por autores do sexo masculino, uma vez que para as mulheres trabalhar com este tema era quase que proibido, já que poderia cair sobre ela o estigma de lésbica, mesmo que não fosse.

Segundo a Dr<sup>a</sup> Manhães, para a mulher é muito mais fácil falar sobre as grandes guerras e sobre a fome que assola o mundo que falar de sua própria sexualidade, isto porque para ela não foi dado o direito de pensar e de sentir com liberdade. Daí resulta uma literatura cheia de pudores e de autocensura.[1]

Já Zilda de Oliveira Freitas observa que, em contrapartida, as mulheres atualmente têm escrito por todas aquelas que durante anos se calaram, e por todas aquelas ainda não conquistaram o direito de se pronunciar. [2]

Porém, para os homens também não foi tarefa fácil falar sobre o lesbianismo, nem sobre a mulher de forma geral, uma vez que a dificuldade reside no fato de havendo uma forte “cultura de silenciamento” ainda em voga na sociedade acerca da prática homossexual feminina e da própria sexualidade da mulher, e pelo fato de,

segundo Pinto-Bailey, o sujeito lesbiano por fugir à definição aceita de 'feminino', romper radicalmente com os padrões de gênero estabelecidos, "ao não se definir em função do desejo masculino e do sistema de reprodução biológica e de transmissão de valores econômicos e ideológicos. Por não ser possível categorizá-la dentro desses padrões, a lésbica termina reduzida ao 'não-ser', ao que não se nomeia (e que não se nomeia não existe)" [3]

Culturalmente, foram dados dois caminhos diferentes a serem seguidos: o da santidade, na figura da Virgem Maria, e o da perdição, atribuído à figura de Eva e, posteriormente, de Madalena. No entanto, a lésbica não se enquadra, com perfeição em nenhum desses quadros: ela não é santa, pois foge às leis estabelecidas pela Igreja, mas também não comunga com os pecados de Eva, menos ainda com os de Madalena.

Assim como o fez Gregório de Matos, muitos outros expoentes de nossas letras também abordaram o lesbianismo como tema literário. Entre eles merecem destaque especial: Joaquim Manoel de Macedo, Aluisio Azevedo e Lygia Fagundes Telles.

Joaquim Manoel de Macedo introduziu personagens lésbicas em seu romance *As mulheres de Mantilha*, no final do século XVIII. Entretanto, como nos adverte o antropólogo baiano Luiz Mott, não devemos esperar "páginas de chocante realismo", [4], pois embora a Europa vivesse a efervescência do realismo/naturalismo, o Brasil mantinha-se mergulhado numa onda de puritanismo.

É interessante notar que, embora tudo levasse a crer que teríamos um final feliz para o "amor estéril" das duas personagens (Inez e Izidora), no decorrer da trama somos surpreendidos (se é que o fato realmente nos causa alguma surpresa) pela revelação de que Izidora, na verdade, é um jovem rapaz que se traveste para fugir do recrutamento militar. Um final perfeito para a moral cristã da época, que extingue qualquer possibilidade de um amor "não-natural" prosperar.

Outra importante página a tratar do lesbianismo em nossas letras é o romance *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo. Neste romance temos a tônica do naturalismo, com seu cientificismo/evolucionismo introduzidos nos tipos humanos criados pelo autor. Note-se que antes de lançar o este livro, Aluísio já havia abordado o mesmo tema em outra obra, no caso, *Condessa Vésper*.

Já Lygia Fagundes Telles aborda esse mesmo tema em três obras distintas: *Ciranda de Pedra* (1926), *As Meninas* (1973), *A Escolha* (1985).

Em *Ciranda de Pedra* a relação homossexual entre a protagonista e uma outra mulher se dá em conseqüência de uma decepção amorosa sofrida por aquela que acaba vendo nesta uma forma de refazer sua vida fugindo do trauma provocado pela relação heterossexual anteriormente,

Já em 1973, em *As Meninas*, o homossexualismo feminino é encarado como uma fase de transição, fase pela qual, inevitavelmente, as meninas passarão, mas que não deixarão seqüelas futuras. Na verdade, trata-se de conceber tal prática como uma espécie de "iniciação".

Porém, em *A Escolha* Telles consegue abordar a questão do lesbianismo de forma mais realista, abordando-o, agora, não como um mal ocasionado pela desilusão com um relacionamento heterossexual, nem como uma simples etapa do processo do crescimento. Nesta obra as protagonistas Gina e Oriana vivem uma relação homossexual não aceita pela mãe de Gina. O drama da narrativa se dá quando a mãe de Gina a obriga a optar entre seu amor (de mãe) e de Oriana (sua amante). Gina sentindo-se encurralada opta por uma terceira alternativa jamais imaginada por sua mãe: a morte.

Gina e Oriana, protagonistas da história, vivem um relacionamento amoroso não enunciado no texto. Na verdade, temos em *A Escolha*, a representação simbólica do tratamento dado à lésbica na sociedade brasileira: "a invisibilidade", que faz com que ela seja ignorada em seus desejos e atitudes, ou o "reconhecimento", que traz consigo uma gama enorme de ironia, de não-aceitação e, até mesmo, de muita violência.

A questão da "invisibilidade" e do "reconhecimento" do sujeito lesbiano por parte da sociedade são marcantes na obra de Telles. A "invisibilidade" é caracterizada nesta obra pelas rosas brancas que a mãe de Gina deposita no túmulo da filha. Estas rosas são a representação nítida daquilo que é discreto, comedido, puro e socialmente aceito. Quanto ao "reconhecimento", este é marcado pela forte presença das rosas vermelhas que a amante deposita no túmulo da amada. [5]

## Conclusão

Como pudemos observar no decorrer de nossos estudos acerca da exploração do lesbianismo como tema literário, foi grande a contribuição de diversos autores. Observamos, também, que a maioria das mulheres que se dispuseram a discutir o tema em seus livros enfrentaram muitos obstáculos, inclusive uma árdua luta interior contra seu próprio preconceito e contra a estigmatização a que estariam sujeitas por ousarem tratar de um assunto relegado ao silêncio e à ignorância, por conseguinte.

Todavia, desejosos de que este quadro possa ser revertido, esperamos ter contribuído de alguma maneira para que temas como estes não sejam tratados como inferiores e/ou indignos de serem trabalhos em literatura, nas salas de aula, nos

grandes seminários, enfim, que possamos discuti-lo, desprovidos de preconceitos e de quaisquer constrangimento.

### **Referências**

[1] MANHÃES, Maria da Paz Pereira. Psicologia da mulher e outros trabalhos. Rio de Janeiro, Livraria Atheneu, 1977.

[2] FERREIRA, Sílvia Lúcia & NASCIMENTO, Enilda Rosendo do. (Org.) Imagens da mulher na cultura contemporânea. Salvador. NEIM, UFBA, 2002.

[3] BAILEY, Cristina Ferrira-Pinto. O desejo lesbiano no conto de escritoras brasileiras contemporâneas. Revista Iberoamericana 187 (abril-junho)1999.

[4] MOTT, Luiz. O lesbianismo no Brasil. Porto Alegre. Mercado Aberto, 1985.

5] idem.